

As Canções

Paulo Henrique Silva

SÃO PAULO – Um dos documentaristas mais importantes do Brasil, Eduardo Coutinho não esconde a preguiça em falar sobre os seus filmes. Prefere fazê-los a ter que explicá-los. Com “As Canções”, seu mais recente longa-metragem, apresentado na 35ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, o cineasta evidencia um raro prazer em discutir seu trabalho. A razão pode estar na sua relação com o processo de realização, bem menos angustiante e desgastante como costuma ser. “Nunca gostei tanto de me relacionar com as pessoas como neste filme novo. Eu me sentia bem com elas, conversando à vontade com todos. Fiz coisas que não fazia nos outros trabalhos”, revela Coutinho em entrevista ao Hoje em Dia, num escritório da Rua Augusta, a poucos metros de onde “As Canções” tinha sido exibido na noite anterior. Desta vez ele entrevista pessoas que manifestam a relação de uma determinada música com pessoas que amou no passado, abordagem que já havia explorado, em menor grau, em documentários como “Santa Marta” (1987) e “Edifício Master” (2002). “É um filme baseado no afeto que a música proporciona”, sintetiza o diretor, que se prepara agora para uma batalha na negociação dos direitos autorais das canções. “Se não for possível pagar, vou passar o filme de forma clandestina até conseguir negociar”, avisa.

Com exceção de dois entrevistados, os demais participantes de “As Canções” relacionam a música que mais desperta emoções em suas vidas com casos amorosos. Esta predominância partiu de uma escolha sua no processo de seleção dos entrevistados ou ela surge como algo inerente a um povo mais passional?

Eu gostaria que o filme tivesse mais depoimentos que fugissem desta relação da música com amores entre homem e mulher. Pelo menos, cinco. Um deles tinha uma história trágica que envolvia o pai e a família destruída, lembrada sempre quando ouvia “Pais e Filhos”, do Legião Urbana. Curiosamente, tinha um outro que também escolheu esta música para falar do sentimento de abandono do pai, que separou da mãe e casou com outra. Aliás, fiquei besta com a penetração desta banda, evidenciada antes deste revival que o cinema está fazendo agora. Bom, por que estes depoimentos não entraram? O filme tem 14 personagens que cantam. Poderia ter 17 ou 18, mas aí entra a questão do tempo. Devem ser acrescentados no DVD.

Vários de seus filmes já mostraram entrevistados soltando a voz a capela, mas em “As Canções” esta ação assume o primeiro plano. O que este estado representa ou oferece para você?

Na vida real, talvez eu nem notasse. Só sei que está presente desde “Cabra Marcado para Morrer” (1984). “Santa Marta” (1986) também tinha isso, só que eu fazia uma espécie de clip com as músicas. Foi aparecendo cada vez, sempre colocando em meus filmes personagens que

cantavam. Sempre fui fascinado por isso. Fiz “As Canções” de forma meio urgente, porque iria dirigir outro filme, muito difícil e caro. Quando você faz um filme, você precisa estar convencido de que vale a pena. Eu não me sentia assim. Um mês antes de filmar, resolvi não fazer. Então, de uma produção complicadíssima, com muitos técnicos, parti para algo bem simples, sobre o cancionário brasileiro. Curiosamente, em 1997, a TV Educativa me chamou para uma série de dez programas sobre o Brasil, envolvendo dez aspectos diferentes sobre o país. E um deles era música. Queria, já na época, fazer um filme sobre a música que o povo canta em diversos estados. Não seria nada relacionado com meu gosto.

Você gosta de música?

Muita gente diz que a canção vai morrer, mas não vai porque o homem é mortal. A voz humana vem antes da linguagem em nossa história e o cantar já aparecia lá no começo. O que me interessou no filme foi a música brasileira da época da cultura de massa. Tem coisas horríveis, mas tem coisas positivas também. E a nossa música é extraordinária, uma das melhores do mundo. Ela começa a ser realmente o que é quando inventam o rádio, com o Casé (Adhemar Casé, avô da atriz Regina Casé) introduzindo o anúncio comercial. Assim surgiram vários profissionais, como Chico Alves, Ary Barroso, entre outros. Foi quando nasceu a música profissional brasileira. O rádio passou, então, a povoar o cenário sentimental das pessoas.

No filme, porque você não permitiu que os entrevistados cantassem em pé ou com instrumentos?

Porque eu admiro as pessoas que cantam à capela. Com instrumentos, que ajudam a dar ritmo e a harmonia, é muito mais fácil cantar. O que eu queria priorizar era a emoção, a voz pura de quem não aprendeu a cantar. É por isso que, até mesmo aqueles que desafinam, fazem isso bem, porque estão envolvidos pela emoção. Com elas em pé, seria mais difícil organizar, porque teria que pedir para para levantar na hora de cantar e sentar na hora de conversar comigo, deixando também de ser natural. A necessidade de cantar surgia, muitas vezes, no meio da entrevista.

“As Canções” é um dos seus documentários mais econômicos por conta de sua estrutura de produção. São apenas um palco de teatro, uma cadeira e uma câmera. Tudo filmado no mesmo espaço. Por que você não quis ir até a casa dos entrevistados para ilustrar algumas destas histórias?

Fiz oito filmes em dez anos, três deles em sequência. Deixando de lado a estética, observa o que representaria, em termos econômicos, ter que visitar cada uma das 42 pessoas que eu entrevistei para o filme. Ponha nesta conta o trânsito do Rio de Janeiro, o tempo para escolha dos enquadramentos, a questão de ter ou não barulho em cena e a iluminação. Quanto tempo levaria para fazer o filme? Outro aspecto é que eu não aguento mais subir em favela, não

tenho mais forças para isso. Estou me preparando agora para filmar em cadeira de rodas. Desta maneira que faço, poderia fazê-lo tranquilamente.

Acredito que outro fator que pesou nesta balança tenha sido a complexidade da produção de “Moscou” (2009), documentário em que você acompanha o processo de criação de um grupo de teatro, realizado em Belo Horizonte com a parceria do Galpão.

Nunca gostei tanto de me relacionar com as pessoas como neste filme novo. Eu me sentia bem com elas, conversando à vontade com todos, lembrando inclusive de letras de música. Fazia coisas que não fazia nos outros trabalhos. Não tinha ninguém para me dizer o que fazer. Já “Moscou” foi uma confusão. Desta vez tirei todo o elemento que pudesse complicar. Filmei em seis dias, entrevistando sete pessoas por vez e montei em dois meses. Nenhum filme meu foi tão rápido e barato. Em tudo isso o realmente importa é o meu prazer, principalmente em ouvir as pessoas falando de suas vidas e cantando as músicas mais vulgares do mundo, podendo ser Roberto Carlos, Silvinho ou Chico Buarque. E até hoje ele continua me emocionando.

“As Canções” tem uma certa semelhança com “Jogo de Cena” (2007), por envolver pessoas falando diretamente para a câmera, sem nenhum cenário. Só que o outro discutia a verdade e a mentira, enquanto o trabalho mais recente fala de afeto. O seu desafio, ao que parece, era como puxar esta emoção das pessoas, não é verdade?

Sim, o outro tinham atores e pessoas reais se misturando. Este é absolutamente simples. E tenho certeza que muita gente vai me odiar por causa disso, especialmente os críticos. Ele é baseado no afeto que a música proporciona. Você não canta uma música porque ela é a melhor do mundo ou porque é mais difícil. Ela funciona através do afeto. Eu mesmo não tenho esta relação com a música, mas muitos têm.

Neste sentido, acredito que um momento muito prazeroso para você, como realizador, foi ter despertado uma emoção espontânea num dos entrevistados, que chora sem saber porquê ao cantar “Esmeralda”, música que traz lembranças boas de sua mãe.

É o acaso. Não é a parte do acaso em que surge algo mágico, não. Mas a parte em que, repentinamente, bate algo no fundo e não se consegue segurar, vindo toda a emoção. E ele fica puto porque não tinha motivo para chorar.

Não é muito arriscado lançar um filme recheado de músicas sem ter negociado os direitos autorais de nenhuma delas? Como ele está pronto, fica mais difícil retirar alguma cena, tendo que sujeitar aos valores pedidos pelas editoras.

Temos R\$ 40 mil reservados para isso e queremos negociar em bloco, pagando o mesmo valor a cada uma delas. Se não for possível pagar por uma determinada música, vou passar o filme de forma clandestina até conseguir negociar.